



Análises de traduções para LIBRAS como garantia de acesso à literatura digital a partir da metafunção composicional

Translations into LIBRAS of literary works as a guarantee of existence and resistance: a movement for access to digital literature in LIBRAS

Rafael Monteiro da Silva^(a); Márcia Carvalho Monteiro^(b)

a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – rafael.monteiro@letras.ufrj.br

b Universidade Federal do Pará (UFPA) / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – marciacarvalho369@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre os processos de tradução para Libras como forma de resistência cultural e de ampliação do acesso a produções literárias digitais, além de sua importância como garantia de leitura em língua sinalizada. Parte-se da compreensão de que a tradução para Libras transita entre línguas e modalidades, reconstruindo os textos-vídeos (Lemos, 2023) e exigem novas práticas de leitura. A análise dialoga com a Gramática do Design Visual (Kress; van Leeuwen, 2006), com ênfase na metafunção composicional, e a Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimídia (Mayer, 2009). Na perspectiva da transcrição (Campos, 2004) como processo tradutório é mobilizada para discutir os aspectos criativos e culturais envolvidos na adaptação das obras literárias para a Libras. Enquanto a noção de modalidade (Rodrigues, 2018) fundamenta a análise das diferentes materialidades linguísticas e sensoriais implicadas no processo. Como corpus de análise, examinam-se a plataforma denominada Libros com a tradução do Livro A Caçada (Karsten, 2020) e o trabalho de Nogueira (2023) a reinvenção do conto A Cartomante de Machado de Assis. Em uma perspectiva transcultural investiga-se como essas produções reconfiguram narrativas literárias em textos-vídeos que atravessaram o processo de tradução para Libras e se constituem como parte integrante de uma literatura digital própria situada como parte de uma Literatura em Libras. Os resultados indicam que a tradução para Libras garante a leitura em de textos em uma literatura digital, por se tratar de textos-vídeos. As análises com base da Gramática do Design Visual evidenciaram como as organizações espaciais, valores informativos, silêncios e o framing dos elementos articulam o conteúdo literário e a mediação em Libras são importantes para a perspectiva da modalidade, demonstra os aspectos criativos, culturais e sensoriais são mobilizados, consolidando assim a literatura em Libras como literatura digital, consolidada como um campo próprio e significativo.

Palavras-chave: Literatura digital. Tradução em Libras. Multimodalidade. Transcrição. Comunidade surda.

Abstract: This article proposes a reflection on the processes of translation into Libras as a form of cultural resistance and as a means to expand access to digital literary works, in addition to its importance for ensuring reading in a signed language. It is based on the understanding that translation into Libras transits between languages and modalities, reconstructing text-videos (Lemos, 2023) and requiring new reading practices. The analysis engages with Visual Design Grammar (Kress & van Leeuwen, 2006), with an emphasis on the compositional metafunction, and the Cognitive Theory of Multimedia Learning (Mayer, 2009). From the perspective of transcreation (Campos, 2004) as a translation process, it is mobilized to discuss the creative and cultural aspects involved in adapting literary works to Libras, while the notion of modality (Rodrigues, 2018) underpins the analysis of the different linguistic and sensory materialities implicated in the process. The corpus of analysis includes the platform Libros with the translation of the book *A Caçada* (Karsten, 2020) and Nogueira's (2023) reinvention of Machado de Assis' short story *A Cartomante*. From a transcultural perspective, it investigates how these productions reconfigure literary narratives into text-videos that have undergone translation into Libras and constitute an integral part of a digital literature situated within a distinct Libras Literature. The results indicate that translation into Libras ensures the reading of texts within digital literature, given their nature as text-videos. Analyses based on Visual Design Grammar revealed how spatial organization, information values, salience, and framing of elements articulate the literary content and its mediation in Libras. From the modality perspective, the study demonstrates how creative, cultural, and sensory aspects are mobilized, consolidating Libras literature as digital literature and establishing it as a distinct and meaningful field.

Keywords: Digital literature. Translation into Libras. Multimodality. Transcreation. Deaf community.

Introdução

Quando falamos em literatura é comum que nos venham à mente os cânones já consagrados, os grandes escritores e tudo o que orbita essa esfera de prestígio, no entanto, é necessário problematizar a acessibilidade dessas obras principalmente quando consideramos a existência de outras línguas em território nacional, sendo algumas dessas as que possuem diferentes modalidades como por exemplo a do par linguísticoportuguês-Libras.

A Libras é uma língua caracterizada por uma modalidade distinta, suas informações são recebidas e processadas pela visão e produzidas por meio de sinais, gestos, movimentos corporais, além de expressões faciais e o uso do espaço. Além disso, também constrói significados como a utilização de sinais específicos, “Os sinais podem representar qualquer dado da realidade social, não se reduzindo a um simples sistema de gestos naturais, ou mímicas como pensa a maioria das pessoas” (Fernandes, 2011, p. 82).

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN,

2024)¹, por meio do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas atualmente em todo o território brasileiro, incluindo línguas indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades regionais. Apesar dessa riqueza linguística, parte da população ainda mantém a percepção de que o Brasil é um país monolíngue.

Essa diversidade está protegida e valorizada pelo Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que estabelece diretrizes para a identificação, organização, documentação e promoção das línguas faladas pelos diferentes grupos sociais no Brasil, reconhecendo-as como parte fundamental do patrimônio cultural brasileiro, “o Inventário Nacional da Diversidade Linguística é um instrumento de identificação e valorização das línguas presentes na sociedade brasileira” (Brasil, 2010). Os surdos apresentam uma especificidade em relação à sua língua de instrução, tendo a Libras como primeira língua e constituindo uma comunidade linguística própria.

Historicamente, as práticas de leitura e produção literária foram estruturadas com base em línguas vocais-auditivas, o que impôs barreiras significativas às pessoas surdas, especialmente no que diz respeito à fruição estética e ao direito de se reconhecerem como sujeitos leitores e produtores de cultura. Esse cenário demanda não apenas políticas e estratégias de tradução de obras para a Libras, mas também o reconhecimento da Libras como uma língua plena e legítima para a criação e circulação de uma literatura própria, ancorada nas experiências visuo-espaciais e nos marcadores culturais que constituem as identidades surda.

Refletindo a partir dessas realidades, percebe-se que, para que a inclusão seja efetiva, é fundamental que a pessoa surda tenha a Libras como primeira língua (L1) e o português como segunda língua (L2), uma vez que a Libras não substitui o português (Brasil, 2005). Contudo, o número de materiais traduzidos para Libras ainda é ínfimo diante das diversas variedades e possibilidades de leituras que utilizam o português como língua majoritária (Pereira; Vieira, 2009). Segundo o Decreto nº 5.626/05, pessoas com surdez têm o direito à educação, leitura e acesso assegurado por lei. Em seu Artigo 2º, diz que “considera-se pessoa surda aquela que,

¹ Site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl>. Acesso em 25 nov. 2025.

por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais-Libras” (BRASIL, 2005, p. 1).

Segundo Lemos (2025, p. 41) “Enquanto a tradução entre textos de línguas orais é registrada por meio de textos-escritos-impressos (em suporte físico ou digital), no âmbito das línguas de sinais, a tradução é registrada em texto-vídeo-sinalizado”. Este modelo permite às comunidades surdas vivenciar a leitura de um livro a partir de sua perspectiva modal da língua, produzindo sentidos a partir de recursos corporais, espaciais e visuais.

Dessa forma é possível participar ativamente de um universo literário enquanto falante de uma língua que opera em outra modalidade. Os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientam essa perspectiva ao destacar habilidades que a educação deve assegurar, como a valorização dos conhecimentos construídos social, cultural e historicamente.

A BNCC (BRASIL p. 481) enfatiza a “relevância dos meios digitais para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva”. No campo das linguagens, o documento ressalta, em sua segunda habilidade, a necessidade de compreender “os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem”. Nesse contexto, a tradução de obras literárias para a Libras, como produto acessível e culturalmente relevante, torna-se uma estratégia fundamental para garantir às crianças surdas em processo de aquisição de linguagem o direito à leitura e ao letramento.

A disponibilização de livros e materiais traduzidos para Libras permite ampliar o repertório textual e literário desses leitores, favorecendo não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também a construção de identidades surdas afirmadas e a vivência de práticas sociais de linguagem em sua modalidade visuo-espacial, conforme preconiza a BNCC e

colabora com a criação de artefatos culturais² para a comunidade surda³.

Pensar que as traduções de livros para Libras como textos digitais é fundamental para uma compreensão de uma literatura produzida por essas minorias, como um instrumento de representatividade em diversos contextos sociais, não apenas no espaço formal da escola, mas para a vida, na formação de cidadãos críticos e conscientes.

A literatura assume muitos saberes [...] É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nomes das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (Barthes, 2007, p. 16).

Segundo Barthes (2007) a literatura contém muitos tipos de conhecimento dentro desse universo literário, como por exemplo, em um romance como Robinson Crusoé, encontramos diversos saberes interdisciplinares como história, geografia, sociedade, ciência e uma relação com a antropologia. O autor argumenta que se todas as disciplinas escolares fossem eliminadas, a literatura deveria ser a única a ser preservada. Isso porque contém dentro de si todas as outras ciências e saberes, a literatura é como um monumento que reflete a realidade em sua totalidade. Barthes (2007) diz que a literatura representa a realidade de forma plena, sendo a própria expressão vibrante do real, não uma imitação superficial, mas a essência da realidade em suas várias dimensões.

Por conseguinte, caminharemos com a apresentação da possibilidade de traduções realizadas para a Libras como resistência a partir de comunidades que lutam por direitos e compartilham de uma literatura que ao ser traduzida produz em sua maioria uma literatura digital, uma vez que estão registrador por meio de vídeos e ancorados em *sites*, plataformas de

² O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. [...] E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da “experiência visual” como protagonistas dos processos culturais da comunidade Surda. (Campello, 2008, p. 91).

³ A comunidade surda é um grupo social e cultural composto formado por pessoas surdas e também por familiares, tradutores e intérpretes de Libras bem como pessoas que se identificam com a cultura surda e as línguas de sinais.

streaming entre outros formatos de hospedagens de vídeos.

O processo de leitura de textos: libras como língua de instrução

Outro fato importante é pensar na Libras como língua de instrução para leitura de livros pela comunidade surda. Se pensarmos nesse processo de leitura dentro das escolas atualmente podemos dizer que “em muitos casos, esses estudantes são excluídos e enfrentam dificuldades para se comunicar e participar plenamente das atividades escolares” (Ribeiro et al. 2023, p. 17).

Nesse cenário, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de reconhecer a Libras como língua de instrução e de leitura para sujeitos surdos, garantindo-lhes não apenas o acesso ao conteúdo escolar, mas também a construção de uma experiência linguística e cultural que respeite suas especificidades. A Libras, enquanto língua de instrução, possibilita que crianças surdas se apropriem do conhecimento de forma plena, desenvolvendo habilidades cognitivas complexas e se posicionem como sujeitos críticos e participantes no espaço escolar. Essa perspectiva vai ao encontro das políticas de inclusão e reafirma o direito linguístico das comunidades surdas ao letramento em sua própria língua.

Ao se pensar no processo de ‘ler um texto’, a primeira associação que geralmente surge é com um texto escrito, seja em um livro, jornal, anúncio ou outro suporte. Essa visão evidencia como a leitura é frequentemente concebida como uma prática vinculada exclusivamente à linguagem escrita. O conceito de leitura foi sendo ampliado para abarcar outras formas de linguagem e de produção de sentidos. Quando a comunicação e a informação são transmitidas por meio de uma modalidade linguística distinta, como ocorre, por exemplo, em um vídeo em Libras que aborda um conteúdo específico para o estudante surdo, ou em uma aula expositiva realizada nessa língua, surge a necessidade de repensar o próprio conceito de texto. A partir dessa perspectiva, ganha-se força a noção de ‘texto visual’, que reconhece a Libras como uma língua capaz de organizar sentidos e oferecer aos sujeitos surdos experiências de leitura e aprendizagem em sua própria modalidade linguística.

Nessa modalidade textual, é comum o emprego/utilização de múltiplas e diversificadas cores, tons, tipografias, formas e formatos, assim como símbolos diversos, linhas etc. [...] O uso desses elementos não é algo que emerge apenas com o

propósito de entreter. Tem como objetivo externar a pretensão comunicativa do autor a partir da sua mensagem (Silva, 2014, p. 1).

Compreender o texto segundo Marcuschi (2008, p. 88) como “a unidade máxima de funcionamento da língua” permite ampliar a percepção sobre seu papel como um fenômeno complexo. Essa visão é aprofundada por Beaugrande (1997), ao conceber o texto como um evento comunicativo em que convergem dimensões linguísticas, culturais, sociais e cognitivas. Nessa direção Koch (2002) contribui com reflexões significativas ao destacar que o texto não é um objeto fixo e imutável, mas ao contrário, ele está sujeito a alterações de sentido e é atravessado pelas vozes e pela fala dos sujeitos que com ele interagem.

A partir dessas abordagens, torna-se possível compreender o texto como uma unidade ampla e dinâmica, que não pode ser reduzida a um único significado. Ele é constituído por múltiplos elementos linguísticos, práticas comunicativas diversas, e está profundamente enraizado no contexto sócio-geográfico e cultural dos indivíduos que o produzem e interpretam, relacionando-se diretamente em seus conhecimentos de mundo.

Ao compreendermos que os sentidos do texto não estão presentes apenas na superfície textual, que esses sentidos são construídos por meio da interação locutor-texto-interlocutor, entendemos que os contextos das situações discursivas são essenciais para o trabalho de interpretação dos eventos comunicativos (Silva; Oliveira, 2014, p. 306).

Tendo a Tradução para Libras como foco, esta pesquisa busca refletir sobre as abordagens linguísticas relacionadas à modalidade desta língua e como pode atravessar e influenciar diferentes capacidades cognitivas quando envolve línguas de diferentes modalidades. Tal influência se manifesta tanto na produção linguística do sujeito surdo quanto na atuação profissional de tradutores de Libras. Essa abordagem evidencia não apenas a particularidade linguística da Libras como língua gestual-visual, mas também aponta para um crescente avanço dos estudos sobre sua estrutura e as implicações dessa modalidade para os processos de produção e compreensão linguística.

De maneira sucinta, podemos dizer que esses efeitos, diretamente relacionados às características fonéticas da língua, dizem respeito ao fato de a língua se constituir por

meio dos movimentos do corpo no espaço, sem nenhuma dependência de sinais acústicos (Rodrigues, 2018, p. 304).

Conforme aponta Rodrigues (2018), há distinções fundamentais entre a modalidade vocal-auditiva e a gestual-visual, que não se restringem apenas ao canal de expressão e recepção, mas também envolvem diferenças estruturais, cognitivas e culturais no modo como a língua é produzida, percebida e processada. Essas especificidades nos convidam a refletir sobre as múltiplas formas de estruturar o pensamento e organizar sentidos, influenciando diretamente tanto a produção quanto a recepção e a leitura de textos nessa modalidade.

No caso da Libras, essa reflexão é relevante, pois implica reconhecer que os processos de leitura de textos em Libras mobilizam recursos visuais, espaciais e corporais distintos daqueles utilizados na leitura de textos escritos. Assim, compreender essas diferenças é essencial para pensar práticas pedagógicas e tradutórias que garantam às pessoas surdas o acesso pleno à leitura em sua própria língua e modalidade.

Distinguem-se no que tange ao seu modo de produção e recepção, o que traz algumas implicações tais como o fato de as línguas de sinais serem bem mais simultâneas que as orais, mais sintéticas e possuírem dispositivos linguísticos específicos (expressões faciais gramaticais, classificadores, possibilidade de os sinais incorporarem informações etc. (Rodrigues, 2018, p. 305).

Portanto, é urgente repensar as políticas linguísticas, educacionais e culturais para que a Libras e os artefatos visuais deixem de ocupar uma posição marginal e passem a ser reconhecidos como elementos centrais na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Nesse sentido, os processos de tradução para Libras desempenham um papel essencial ao assegurar que pessoas surdas tenham acesso a diferentes textos e conteúdos em sua própria língua possibilitando práticas de leitura que respeitam a modalidade visuo-espacial e promovem o direito à informação, ao conhecimento e à participação plena na vida cultural e social.

Do livro impresso aos textos-vídeos

Com o objetivo de analisar as traduções em Libras à luz da metafunção

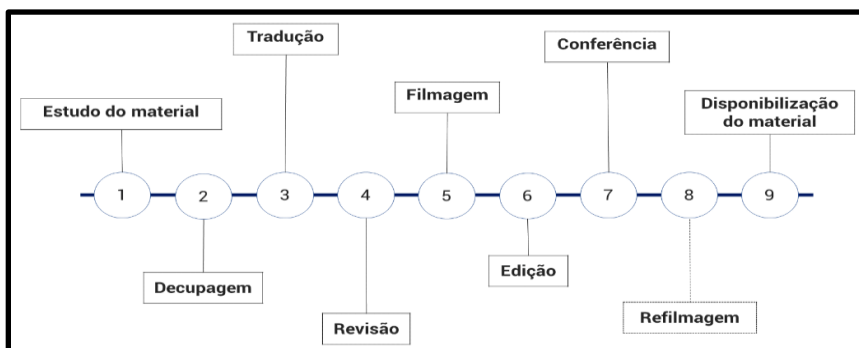
composicional da GDV e os processos multissemióticos que atuam na produção de uma literatura digital, analisando como os gestos e os sinais são produzidos de modo a respeitar tanto a visualidade do sinalizante quanto uma gramática visual, possibilitando a construção de textos-vídeos concebidos para essa modalidade linguística.

Segundo Lemos (2023), os textos-vídeos são materiais traduzidos para Libras que envolvem mais do que uma simples transposição do texto escrito; trata-se de produtos multimodais criados por meio de um processo planejado desde a tradução enquanto produto até a videografia.

A experiência com a tradução em/de texto-vídeo-sinalizado em língua de sinais pode ser uma tarefa individual ou em equipe. E este tradutor pode preferir por experienciar o processo tradutório, por exemplo, diante de um computador, com: consultas de dicionários, terminologias, conceitos; estudo de estrutura textual e linguística; análises dos sentidos e significados; verificação dos problemas na tradução; buscas de possíveis soluções textuais que se tornem mais adequadas no texto final; registros de roteiros da tradução em vídeos sinalizados (Lemos, 2025, p. 41).

Esse processo de tradução, conforme destaca o autor Lemos (2023, 2025), que exige três fases principais: (I) a pré-tradução, que compreende a análise do texto fonte, pesquisa e planejamento; (II) a tradução, que realiza a versão do conteúdo para Libras considerando aspectos culturais e linguísticos; e (III) a pós-tradução, que envolve a videogravação e a edição das imagens produzidas em Libras. Carneiro, Vital e Souza (2020), apresentam uma proposta metodológica de produção de textos traduzidos registrados em vídeos, desde o estudo do material (texto fonte) até à disponibilização do material (texto alvo), no caso, a Libras, registrada por meio dessas traduções.

Figura 1: Etapas do processo de tradução para a Libras.



Fonte: Carneiro, Vital e Souza (2020, p.144).

Os textos que passam pelo processo de tradução, não se configuram como versões audiovisuais de um material escrito, mas como novos formatos textuais elaborados para atender às necessidades cognitivas, linguísticas e semióticas das comunidades surdas. Estes textos-vídeos permitem o uso da linguagem visuo-corpórea fortalecendo seu papel como instrumento de acesso ao conhecimento e às manifestações culturais em Libras, além de possibilitar que os surdos tenham acesso à literatura.

A legislação brasileira enfatiza que a Libras não substitui o português escrito. Contudo, torna-se essencial pensar em traduções que respeitem as especificidades linguísticas e culturais das comunidades surdas de modo a garantir que a Libras seja de fato a língua de instrução e expressão plena de conhecimentos. Essa discussão dialoga diretamente com a perspectiva de Rodrigues (2018), que aborda a Libras como uma língua vídeo-corpórea e defende que sua modalidade gestual-visual exige novas formas de interação cognitiva e cultural.

Assim, busca-se refletir sobre os desafios e possibilidades da tradução para Libras no contexto da literatura digital, considerando tanto a dimensão técnica quanto os aspectos culturais, cognitivos e criativos que atravessam o processo tradutório.

Tradução de obras literárias: um caminho metodológico para a leituras em libras

A produção literária acessível às comunidades surdas ainda enfrenta desafios no Brasil, especialmente no que diz respeito à garantia de materiais traduzidos para a Libras. Em um contexto em que a leitura ainda é concebida como prática vinculada à linguagem escrita, pouco se tem refletido sobre como as pessoas surdas acessam e experienciam a literatura. Essa lacuna aponta para a necessidade de refletir acerca da tradução como uma prática estética e cultural, capaz de respeitar as singularidades linguísticas e culturais das comunidades surdas.

Diante dessa perspectiva, algumas iniciativas surgem para ampliar o acesso de surdos à literatura, principalmente por explorar formatos multimodais que dialogam com essa experiência visual da Libras. Nesse sentido que se insere o Canal Libros, que tem a proposta de contribuir para modelos de tradução audiovisual repensando as formas de circulação das obras literárias.

O Canal Libros⁴ criado no *YouTube* (2022) para hospedar as traduções feitas a partir do português para a Libras, possui 6 (seis) obras infanto-juvenis que visam transpor a lógica e a experiência de leitura do livro físico para o formato visual, ao mesmo tempo que revela os limites e as potencialidades da tradução dos textos-vídeos como recurso pedagógico e cultural. São elas, *O Lobo de Olivier Douzou* (2000); *Les Mésaventures de Maddox de Felix laFlamme e Claude Desrosiers* (2018); *A caçada de Guilherme Karsten* (2020); *Nós chamamos de casa de Originais Kidly* (2021); *Vó, para de Fotografar!* de Ilan Brenman & Guilherme Karsten (2017); *O menino e o foguete de Marcelo Rubens Paiva* (2021).

Foram analisadas duas traduções que exemplificam diferentes demandas do processo de tradução entre o português e a Libras. O primeiro livro escolhido é *'A Caçada'* (Karsten, 2020), que permite observar aspectos descritos pela GDV. A Segunda obra é o conto *'A Cartomante'* (Assis, 2006) que foi traduzido por Nogueira (2023), cuja a natureza literária evidencia as escolhas tradutórias da tradutora. As obras oferecem um ponto de partida para discutir os critérios e desafios envolvidos na tradução de

⁴ Libros é um trocadilho com a palavra Libras e a palavra Libros que em espanhol significa livros, sendo assim, Libros vem a ser uma metáfora entre ler um livro em Libras. Disponível em: <https://www.youtube.com/@libros413>.

textos para uma modalidade que explora a visualidade.

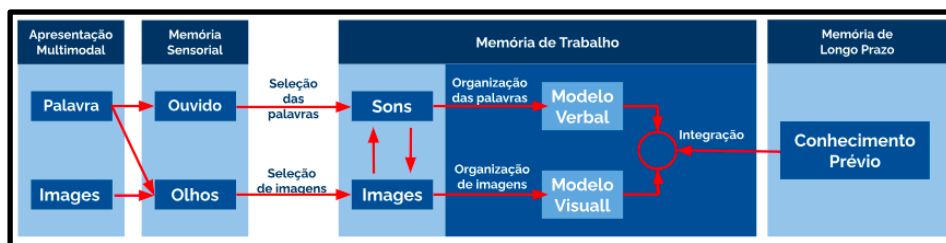
A escolha da tradução do livro 'A Caçada' (Karsten, 2020) se justifica pelo fato de deixar bem marcado os processos de análises à luz da Gramática do *Design Visual*, possibilitando um exemplo bem relevante para a aplicação e compreensão teórica. Já na tradução do conto 'A Cartomante', realizada por Nogueira (2023), mostra como a Libras exige mais do que a tradução literal do texto de partida, mas demanda uma recriação estética que considera a gestualidade, a iconicidade dos sinais, as expressões faciais e os recursos espaciais como elementos constitutivos do texto literário traduzido.

Essas iniciativas revelam a importância de discutir os processos tradutórios para Libras como práticas que asseguram o direito das pessoas surdas ao acesso à literatura em sua própria língua, permitindo a construção de sentidos a partir de uma experiência visual. Ao mesmo tempo, evidenciam as lacunas na produção e na circulação de materiais literários em Libras, reforçando a urgência da aplicação das políticas linguísticas e educacionais que valorizem a Libras como língua para a leitura, a criação e a fruição estética.

Com base na Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimídia de Mayer (2009) podemos aplicá-los às realizações em vídeos de livros que foram traduzidos para a Libras, onde os espectadores/leitores (*viewer*) tem em seu suporte de leitura três modelos de processamento multimodal que permite compreender como diferentes canais sensoriais e linguísticos se articulam na construção do conhecimento, revelando implicações significativas para o ensino e a tradução para Libras.

Nesse cenário Mayer (2009), pode contribuir para a compreensão de como os sujeitos processam informações visuais e espaciais, e como tais fatores influenciam a recepção de textos literários adaptados para o formato vídeo. Veja uma proposta de leitura para ouvinte adaptada a partir do autor.

Figura 2: Teoria Cognitiva de Aprendizagem Multimídia.

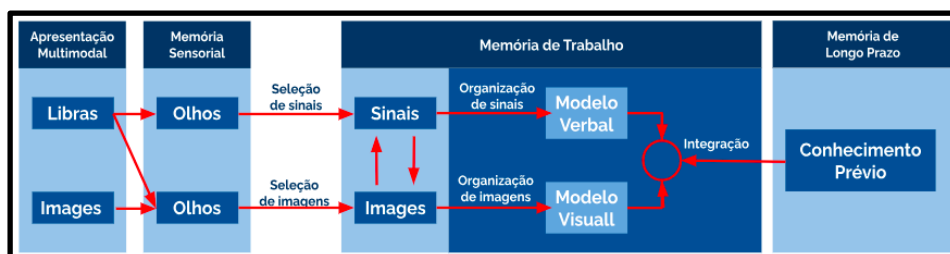


Fonte: Adaptado de Mayer (2005, p.61).

Na Figura 2 observamos o processamento clássico característico de pessoas ouvintes ao interagir com textos por meio de canais multimídia, por exemplo crianças assistindo desenhos animados, vendo filmes, entre outras interações por meio de exibição em vídeos. A informação linguística por meio da ‘palavra’ é percebida auditivamente quando se escuta uma história, uma vez que histórias, pelo procedimento multimídia, é carregada de textos falados, já a informação das imagens é captada visualmente, assim a criança escuta as palavras e enxerga as imagens, os desenhos colaboram com o meio multimodal de interação entre o que se vê e o que se escuta.

As palavras ouvidas são transformadas na ‘memória sensorial’, em sons e processadas na memória de trabalho como um modelo verbal, enquanto as imagens captadas pelos olhos seguem para o processamento como um modelo visual. Existe uma interação entre esses dois canais na memória de trabalho, e a integração entre os modelos verbal e visual. Ambos conectam-se ao conhecimento prévio armazenado na memória de longo prazo para pessoas ouvintes. Esse modelo evidencia a predominância do canal auditivo como via principal para o desenvolvimento linguístico e cognitivo, com o canal visual atuando como um elemento complementar. A seguir veja uma proposta de modelo adaptado para pessoas surdas usuárias de línguas de sinais.

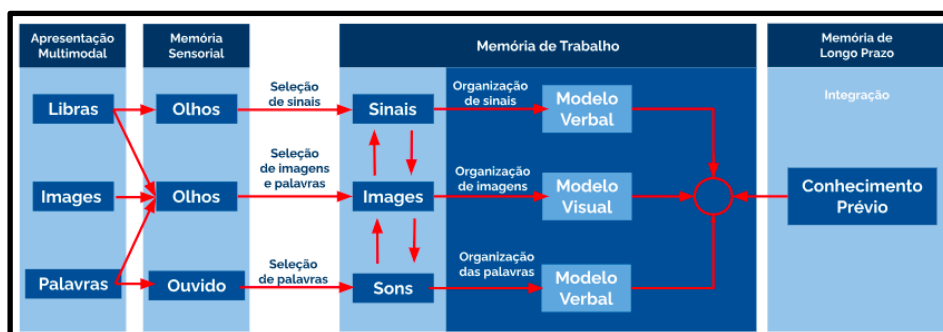
Figura 3: Modelo baseado em Mayer com a Teoria Cognitiva de Aprendizagem Multimídia



Fonte: Adaptado de Mayer (2009 p.61), elaborado pelo autor.

A Figura 3, propõe o uso do modelo ao contexto de pessoas surdas usuárias de Libras, destacando a centralidade do canal visual. Aqui, tanto a Libras quanto as imagens são captadas pelos olhos e processadas visualmente. A língua de sinais é transformada em sinais, que constituem o modelo verbal (entendido como o componente linguístico do processamento cognitivo, mesmo sem o suporte auditivo), enquanto que as imagens seguem para o modelo visual. Existe uma interação dinâmica entre os sinais e as imagens na memória de trabalho, e a integração entre ambos permite o acesso ao conhecimento prévio. Esse modelo evidencia que, para sujeitos surdos, o canal viso-gestual não é apenas uma alternativa sensorial, mas a base estruturante para o desenvolvimento linguístico, cultural e cognitivo. A proposta abaixo está voltada para a tarefa de tradução.

Figura 4: Proposta com base TCAM voltado para a tradução e Libras



Fonte: Elaborado pelo próprio autor com base em Mayer (2009, p.61).

No modelo apresentado como junção das propostas anteriores (Fig. 2) e (Fig. 3), representa-se então, uma configuração multimodal mais complexa utilizada como caminho para uma tradução multimodal que apresenta a

Libras, as imagens e as palavras na memória de trabalho do tradutor. A Libras e as imagens são captadas visualmente e posteriormente apresentadas por meio dos vídeos, enquanto que as palavras são recebidas auditivamente pelo tradutor de Libras. E em outro momento codificadas para outro signo linguístico (como na Fig. 1) em que o tradutor faz escolhas para registro (gravação do material) nos textos-vídeos. Enquanto, que na memória de trabalho, a língua é processada pelos sinais, imagens e as palavras, em seguida são organizados em um modelo verbal, as imagens seguem para o modelo visual e as palavras e os sons, também organizados em um modelo verbal, servindo como bases para uma tradução multimodal.

Há uma interação entre os sinais, imagens e sons, representando um processamento cognitivo multimodal mais sofisticado, no qual diferentes códigos e modalidades precisam ser articulados simultaneamente para acessar o conhecimento prévio. Esse modelo reflete contextos bilíngues e multimodais, comuns em sujeitos surdos que transitam entre Libras, português (vocal e/ou escrito) e elementos imagéticos, revelando as demandas cognitivas adicionais envolvidas nesse processo. Essas abordagens demonstram que a tradução de materiais para Libras não pode ser vista como uma simples transposição linguística.

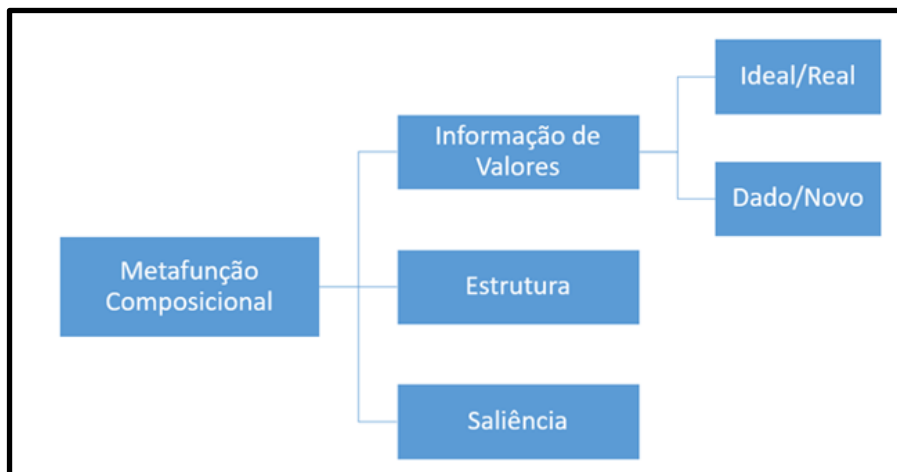
A Gramática do Design Visual (GDV) constitui um desdobramento da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especialmente na forma como ambas organizam os significados em metafunções. Enquanto a LSF trabalha com as metafunções ideacional, interpessoal e textual, a GDV propõe três metafunções correspondentes: a ideacional, a interativa e a composicional. Essa pesquisa tem como base a utilização da metafunção composicional, proposta por Kress e van Leeuwen (2006), que visa a organização das imagens e as disposições de um texto multimodal.

No âmbito dos estudos da tradução e da interpretação para a Libras, essas metafunções oferecem um aparato analítico produtivo para compreender como os elementos visuais são organizados e articulados em textos-vídeos traduzidos para a Libras. Desse modo, a GDV pode contribuir para a interpretação das escolhas visuais que estruturam o sentido nos processos tradutórios multimodais.

A metafunção composicional tem equivalência com a metafunção textual para a LSF, que se propõe a examinar as imagens como construção de

significados e faz análises de como organizamos as imagens. Os textos-vídeos serão analisados à luz do que podemos trazer como imagens, sendo vídeos imagens em movimento.

Figura 5: Metafunção Composicional - Gramática do Design Visual (GDV)



Fonte: Adaptado de Kress; van Leeuwen (2006).

A metafunção composicional se ocupa em analisar como os elementos se organizam na imagem, como se dá a composição desse cenário (imagem/cena). Neste artigo serão considerados aspectos como o ‘Valor de informação’, ou seja,

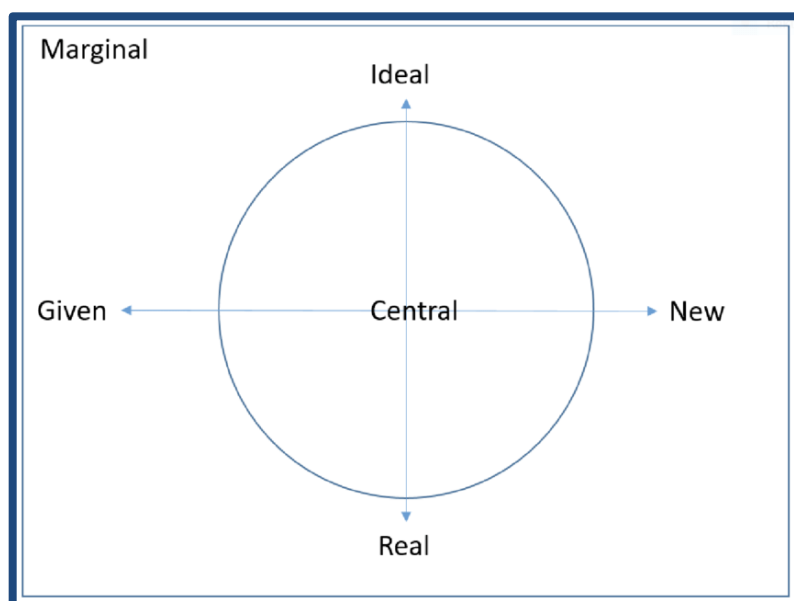
A disposição dos elementos (sintagmas dos participantes que os relacionam entre si e com o observador) confere-lhes os valores informativos específicos atribuídos às várias "zonas" da imagem: esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa).⁵

Os autores Kress e van Leeuwen (2006) localizaram as categorias como zonas de informação, por exemplo, lado esquerdo (*Given/Dado*); lado direito (*New/Novo*); topo (*Ideal*); base (*Real*); região central (*Central*); a

⁵ *Information Value: The placement of elements(participants' syntagm that relate them to each other and to the viewer) endows them with the specific informational values attached to the various 'zones' of the image: left and right, top and bottom, centre and margin.*

margem (*Marginal*). As zonas da imagem determinam o modo como os elementos se configuram no layout para produzir significados.

Figura 6: Valor de Informação-GDV



Fonte: Adaptado de Kress; van Leeuwen (2006).

O lado esquerdo (*Given/Dado*) apresenta dados já conhecidos ou familiares, É o lado em que se ancoram os elementos estáticos nos textos-vídeos. Enquanto o lado direito (*New/Novo*) traz informações novas ou mais relevantes, nesse caso onde o tradutor se encontra, ou seja, é a informação que vai ser acessada pelo espectador.

O topo dos vídeos apresentados (*Ideal*), está associado à ideias promissoras de leitura rápida como títulos e informações relevantes para a leitura; na base (*Real*) se concentram as informações mais concretas e reais; a região central (*Central*) destaca alguma informação principal que não precise ser reconhecida a partir de uma imagem, geralmente quando há a presença de tradutor dialogando diretamente com os interlocutores que são os espectadores do texto-vídeo; por fim, as margens (*Marginal*) indicam conteúdos subordinados ou acessórios que servem para completar a leitura das traduções em Libras.

Outro aspecto a ser analisado é a 'saliência', também proposta de acordo com a GDV (Kress; van Leeuwen, 2006). A qual se refere ao destaque de certos elementos em relação a outros, criando uma hierarquia visual. Essa ênfase pode ser determinada por fatores como tamanho, contraste de cores ou tons, posição em primeiro plano ou plano de fundo e diferenças de nitidez. A análise de 'saliência', oferece ferramentas para compreender como determinados elementos visuais são destacados em uma composição, guiando o olhar do espectador e estruturando a leitura da cena.

Esse conceito é particularmente relevante na tradução de textos literários para Libras, uma vez que o canal viso-gestual exige a construção de sentidos por meio da organização de elementos como cores, contraste, tamanho e posicionamento no quadro. Ao investigar as estratégias de saliência nos vídeos em Libras (textos-vídeos), é possível identificar como os tradutores e produtores audiovisuais mobilizam recursos visuais para manter a atenção do público e reforçar aspectos narrativos, assegurando a centralidade do corpo sinalizante na experiência de leitura. O elemento mais saliente costuma ser percebido como o participante principal da cena.

Os elementos (participantes, bem como sintagmas representacionais e interativos) são concebidos para atrair a atenção do espectador em diferentes graus, conforme percebido por fatores como posicionamento em primeiro plano ou em segundo plano, tamanho relativo, contrastes de valor tonal (ou cor), diferenças de nitidez etc. (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa).⁶

A estruturação visual, ou *framing* (Kress; van Leeuwen, 2006), está relacionada à conexão ou separação entre os elementos em uma composição (texto-vídeo). Essa noção permite a compreensão de como os recursos visuais podem sugerir unidade e continuidade ou, ao contrário, destacar a individualidade e a independência dos elementos no espaço, geralmente uma conversa entre o tradutor e o ambiente ao seu redor.

⁶ *The elements (participants as well as representational and interactive syntagms) are made to attract the viewer's attention to different degrees, as realized by such factors as placement in the foreground or background, relative size, contrasts in tonal value (or colour), differences in sharpness, etc.*

No contexto da tradução de textos para Libras em formato audiovisual, o *framing* torna-se uma estratégia crucial para organizar o corpo do tradutor, o cenário e demais elementos visuais de modo a garantir a legibilidade e a centralidade da língua de sinais como meio de instrução. A seguir, será analisado como o framing é mobilizado para articular os diferentes planos e cores, gerando efeitos de coesão ou isolamento no texto-vídeo, e quais são as implicações dessas escolhas para a experiência de leitura do público surdo.

A presença ou ausência de dispositivos de enquadramento (realizados por elementos que criam linhas divisórias ou por linhas de enquadramento propriamente ditas) desconecta e conecta elementos da imagem, indicando que eles pertencem ou não ao mesmo conjunto de alguma forma (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa).⁷

A Figura 7, apresenta um quadro que reúne as informações realizadas a partir da metafunção composicional.

Figura 7: Quadro utilizado para as análises da metafunção composicional e suas realizações

Metafunção Composicional	Realização
Valor de Informação	Posicionamento dos elementos na imagem Lado esquerdo: Informação familiar, conhecida; Lado direito: Informação nova, chave; Topo: Informação ideal, aspiracional; Base: Informação concreta, real;

⁷ The presence or absence of framing devices (realized by elements which create dividing lines, or by actual frame lines) disconnects or connects elements of the image, signifying that they belong or do not belong together in some sense.

	Centro: Informação principal; Margem: Informação acessória ou secundária;
Saliência	Grau de destaque de determinados elementos em relação aos demais (hierarquia): Tamanho, contraste de cores ou tons, posicionamento (primeiro plano ou fundo), nitidez; Elemento mais saliente: participante central
Estrutura /Framing	Nível de conexão entre os elementos Forte: Elementos isolados (contrastes de cor, forma), evocando individualidade; Fraca: Elementos conectados (cores semelhantes, formas relacionadas, vetores de ligação), sugerindo identidade de grupo;

Fonte: Elaborado pelo próprio autor com base em Kress e Van Leeuwen (2006).

Os trabalhos analisados nesta pesquisa, tanto o canal Libros quanto a adaptação do conto ‘A Cartomante’, ilustram essas complexidades, uma vez que são produções que transcendem a tradução literal, explorando assim os recursos visuais, espaciais e corporais para construir significados acessíveis e coerentes com a experiência visual dos sujeitos surdos.

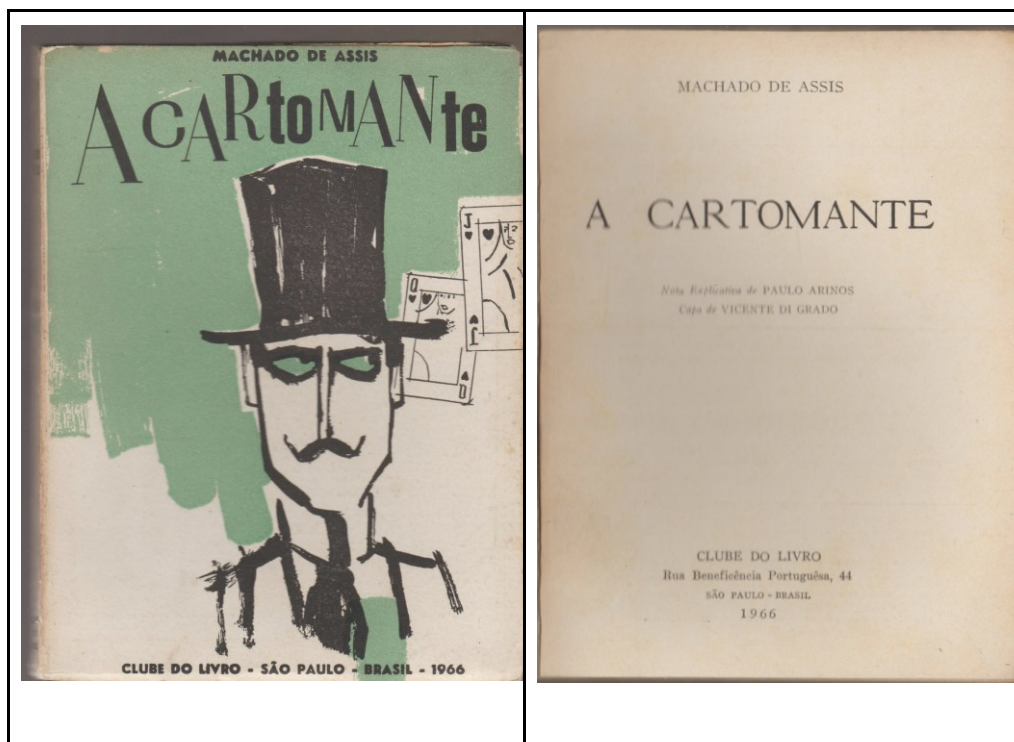
Análises da tradução de livros para vídeos: à luz da metafunção composicional

Apresentamos nessa seção as análises de tradução e como trazemos u o trabalho realizado por Nogueira (2023) intitulado “A reinvenção do conto em Libras, numa perspectiva transcultural” em que a autora propôs uma tradução do conto “A Cartomante” (Machado de Assis, 2006) para a Libras, resultando em uma série de cinco episódios, com duração aproximada de

5 min a 7 min cada, disponíveis em um Canal *YouTube*⁸.

A tradutora surda (Nogueira, 2023) utilizou os conceitos de tradução intersemiótica (Jakobson, 2003), transcrição (Plaza, 2003), tradução como transposição cultural (Sobral, 2019) e adaptação (Hutcheon, 2013). Essas abordagens ampliam a compreensão da tradução como um ato que vai além da transferência de signos de uma língua para outra, concebendo-a como um processo de reinvenção estética e cultural. A seguir apresentamos a obra na versão impressa seguida da imagem da versão digital em Libras.

Figura 8: Versão impressa do Livro “A cartomante”



Fonte: Google Imagens (2025).

Na Figura 8 apresentamos a imagem da versão impressa do conto em que se mantém uma relação com o texto tradicional, na maioria das vezes, de difícil acesso ao público surdo por conta da leitura ser somente em

⁸ Canal do Na Palma da Mão: O conto “A Cartomante”. Tradutora surda Mariana Daleprani (2023). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FNklzA9KxQs&list=PLsWiXTEgzI39ca3iUZvn3xDsI2rjY5hy3>. Acesso em: 25 nov. 2025.

português escrito e/ou falado (no caso de algum *audiobook*). De acordo com Nogueira (2023), o objetivo central do trabalho foi produzir uma versão em Libras que respeitasse não apenas o conteúdo narrativo do conto original, mas também as especificidades linguísticas e culturais das comunidades surdas.

Este artigo reivindica o lugar da tradução literária para a Libras como um processo transcriativo e transcultural, no qual o texto literário ganha vida por meio de recursos visuais, espaciais e corporais. Assim, a obra amplia o acesso de pessoas surdas à literatura canônica brasileira e, além disso, enriquece o repertório cultural em Libras, fortalecendo o papel dessa língua como veículo legítimo de leitura e produção literária.

Durante a pesquisa encontramos, em contraste à proposta de Nogueira (2023), a versão produzida pela editora Arara Azul (2005), a qual contava com uma série de DVDs contendo alguns clássicos da literatura brasileira e entre eles uma versão bilíngue português-Libras do conto “A cartomante”. Os vídeos apresentam uma janela de Libras com a tradutora à esquerda e à direita o texto em português.

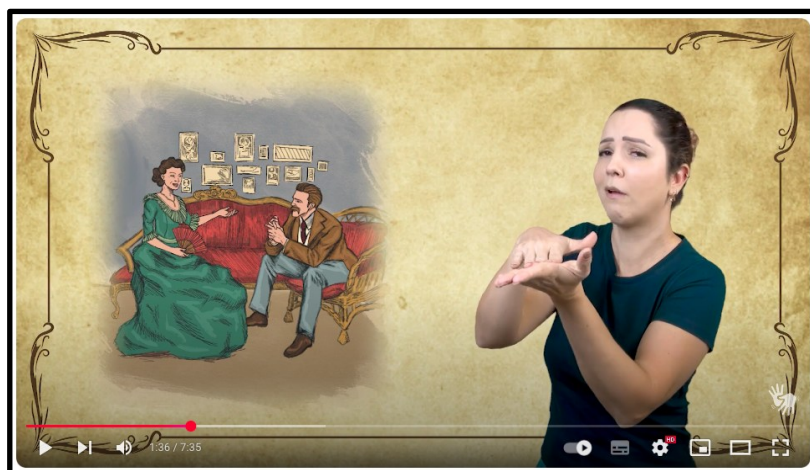
Figura 10: Imagem do DVD “A cartomante” em Libras



Fonte: Editora Arara Azul (2005).

A versão do texto feita por Nogueira (2023) conforme a Figura 4 foi disponibilizado pelo canal 'Na Palma'⁹. Esta versão é mais fluida e de fácil leitura, uma vez que foi pensada em Libras como língua de instrução abrindo mão do português escrito, mas mantendo elementos multissemiótico não linguísticos: imagens, cores, bordas, vídeos, seguindo assim um modelo emergente de produção de traduções de livros infanto-juvenis para pessoas surdas.

Figura 9: A Cartomante, em Libras



Fonte: Canal Na Palma da Mão (2023).

Para a coleta de dados vamos utilizar o canal de referência para leitura em Libras “Libros”, uma biblioteca digital de *Videobooks* de livros infanto-juvenil abordando narrativas, contos, contação de histórias. Os vídeos traduzidos têm diversos aparatos multimodais como voz audível em português, efeitos visuais, textos interativos aprimorando assim a conexão do leitor com o processo de leitura multimídia (Mayer, 2009) e da multimodalidade para o texto.

A análise de dados será com base na metafunção composicional, para isso vamos utilizar a tradução do livro “A Caçada” (Karsten, 2020). A seguir apresentamos a imagem da versão do livro em pdf.

⁹ Canal 'Na palma da mão'. Disponível em: <https://www.youtube.com/@napalmadamao3556>. Acesso em: 25 nov. 2025.

Figura 11: Versão do livro “A Caçada”



Fonte: Karsten (2020, p. 8).

Apresentamos a seguir o modelo proposto pela tradução com algumas negociações e reorganizações de elementos na composição da imagem, considerando elementos da visualidade (Campello, 2008) e elementos multimodais (Kress; van Leeuwen). A tradução para a Libras é a leitura principal da produção.

Figura 12: Versão em Libras do livro “A Caçada”



Fonte: Livro de Karsten (2020).

Nesta versão traduzida optou-se por manter o texto em português por uma questão multimodal, no qual há valorização do letramento digital relacionando as imagens, a língua de sinais e as palavras em português. Esta é uma estratégia abordada durante o processo de tradução e edição do texto-videos que vai ser disponibilizado como versão final.

Na Figura 12 de acordo com os princípio da GDV o lado esquerdo é ocupado pela imagem do avestruz com a cabeça escondida no buraco, remetendo ao texto de partida indicando uma informação “Dada/Given”, ou seja, o leitor pode inferir um contexto com a essa imagem, pois dá a informação acerca do que está acontecendo, um avestruz parcialmente escondido, a informação é concretizada com a parte linguística realizada pela tradução que complementa a informação fazendo a conexão entre as línguas e imagem. No lado direito, aparecem as informações que chamamos de “Nova/New” “Encontre um esconderijo” complementado em Libras (vídeo traduzido) seguida do português escrito. Nesse caso, aparecem as informações que completam a informação dada anteriormente (Given/Dado).

Quadro 13: Análise da versão em Libras do livro “A Caçada”

Metafunção Composicional	Texto-vídeo
VALOR DE INFORMAÇÃO	Lado esquerdo(Dado/Given): A imagem do Avestruz é mantida, pois não revela o que vai acontecer, criando expectativa sobre o desdobramento para a informação que vai aparecer no lado esquerdo; Lado direito (Novo/New): Informação do texto Libras explicando a informação que se apresenta no decorrer do vídeo; Topo (Ideal): Aparece o texto em português como secundário, por uma escolha tradutória para que o texto seja parte do letramento digital junto com as imagens.

	Base (<i>Real</i>): tem-se a Libras como língua de instrução. Centro (<i>Center</i>): Não se aplica; Margem (<i>Marginal</i>): Não se aplica;
SALIÊNCIA	Grau de destaque de determinados elementos em relação aos demais (hierarquia): As cores foram mantidas de acordo com o texto fonte, preservando o aspecto da experiência do leitor; Elemento mais saliente: A Libras exerce o protagonismo de leitura pelo leitor (<i>viewer</i>).
ESTRUTURA /FRAMING	Forte: Fica marcada a manutenção do enquadramento seguindo o texto fonte para manter a experiência de leitura do livro. Libras ganha um lugar central sendo enquadrada no lugar do texto escrito na versão impressa do livro. Fraca: O português escrito é reorganizado dando um aspecto secundário, porém é mantido como estratégia tradutória para a manutenção da leitura como L2 para pessoas surdas.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2025) com base em Kress e Van Leeuwen (2006).

A utilização da Libras e do português sugere, em um primeiro olhar, uma tentativa de equilíbrio entre as línguas. Essa centralidade pode ser problematizada pelo fato de estar representando uma inclusão efetiva da Libras como língua de instrução e leitura. Essa coexistência ainda é marcada por desigualdades estruturais de leitura que visam ser sanadas por essa experiência de uma literatura digital para surdos e sinalizantes.

Apresentamos abaixo um quadro com uma análise realizada a partir dos parâmetros da metafunção composicional que oferece aplicação teórica.

A seguir apresentamos a versão impressa posteriormente a tradução a ser analisada com a aplicação da teoria da GDV.

Figura 14: Versão em quadrinhos do livro “A Cartomante”



Fonte: Assis (2006, p. 4).

Esta é a versão em quadrinhos do conto de Machado de Assis (2006), que foi traduzido para Libras por Nogueira (2023). A importância da tradução é de certa forma uma garantia de acessibilidade linguística de clássicos da literatura brasileira para os surdos. Veja abaixo a versão digital da tradução para Libras.

Figura 15: Versão em Libras do livro “A Cartomante”



Fonte: Canal Na Palma da Mão (2023).

A imagem apresenta uma organização espacial detalhadamente estruturada. O lado esquerdo (Dado/Given), concentra a informação conhecida, representada pela ilustração do livro aberto com personagens medievais e a palavra 'HAMLET', bem na margem do vídeo (margem/Marginal), como um texto secundário apoiando a compreensão do texto. A tradutora ainda soletra a palavra que aparece no vídeo como referência literária presumida pelo espectador (*viewer*) e conectando a base conceitual da informação ao qual está ligado os desenhos que aparecem na imagem.

O lado direito (Novo/New), concentra as novas informações, transmitidas pela sinalização em Libras, indicando assim, a atualização e o desenvolvimento do conteúdo à ser transmitido, relacionando o conhecimento prévio do leitor em experiência dinâmica de transmissão de conhecimento. A análise do centro e da margem mostra que a composição pode ser considerada com duas polaridades, ou seja, a ilustração opera como um determinante conceitual e a Libras (a tradutora) como potencialidade comunicativa. Os elementos se conectam, complementando a contação da história.

A saliência da tradutora opera se reforçando pelo contraste existente com o fundo, presença da ocupação espacial do corpo da tradutora, nitidez na leitura da sinalização e os movimentos implícitos e propositais entre a

tradutora e as imagens, ou seja, a ilustração mantém relevância secundária por conta do contraste de coloração e a posição na margem esquerda. O *framing*, demonstrado pela moldura decorativa escolhida na pós-produção do vídeo, traz uma coesão visual, ao passo em que a divisão entre os lados esquerdo e direito, evidencia separação proposital com a lateralidade intencional para que a tradução em Libras converse com as imagens.

Quadro 16: Análise da versão em Libras do livro 'A Cartomante'

Metafunção Composicional	Texto-vídeo
VALOR DE INFORMAÇÃO	Lado esquerdo (Dado/Given): A informação dada é feita por meio da imagem de um livro que aparece na tentativa de localizar o leitor sobre um tipo de leitura, mas não aprofunda a informação Lado esquerdo (Novo/New): a informação nova é oferecida em Libras pela tradutora revelando o assunto do livro se tratar de Hamlet, um livro clássico da literatura. o ; Topo (Ideal): Não se aplica; Base (Real): Não se aplica; Centro (Center): Não se aplica; Margem (Marginal): A palavra “HAMLET” aparece para ambientar o leitor com a mesma experiência entregue pelo texto escrito.
SALIÊNCIA	Grau de destaque de determinados elementos em relação aos demais (hierarquia): Sobressai a imagem da tradutora que por sua vez contrasta com a cor do <i>background</i> (fundo). A saliência da tradutora está em relação ao fundo da imagem e interagindo com a mesma. Elemento mais saliente: A própria tradutora que evidencia a leitura e o uso da Libras como L1.

ESTRUTURA/ FRAMING	Forte: O enquadramento da tradutora e a presença da imagem ao lado, bem como a existência da palavra “HAMLET” encontra-se em harmonia visual e respeitam espaçamentos idealizados por igual, servindo como referenciais importante de espaços vagos de descanso nas laterais e nas bordas superiores e inferiores. Fraca: Os elementos que se conectam na imagem é a forma com que a imagem está composta soam harmonicamente em relação às suas cores e elementos como um todo.
-------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2025) com base em Kress e Van Leeuwen (2006).

A organização por meio da metafunção composicional se articula de maneira precisa valores de informação, saliência e o *framing*, direcionando a atenção do espectador do conhecido (*Given*) para o novo (*New*), do estático para o dinâmico e do conceitual para o comunicativo, evidenciando complementaridade entre elementos e hierarquia informativa clara e funcional.

A seguir, as análises que emergem das escolhas composicionais e as implicações para a recepção da obra traduzida.

Ao analisar o nível de conexão entre os elementos nas duas versões, pode-se perceber que na imagem do livro físico, os elementos compartilham cores e formas semelhantes, criando uma narrativa coesa e sugerindo uma identidade de grupo. Os elementos visuais parecem interligados, com o cenário e o personagem construindo uma narrativa integrada que sugere identidade de grupo.

O contraste entre as cores dos tradutores nas duas análises e o contraste com o fundo das traduções reforça essa separação evidenciando o elemento de saliência nos textos-vídeos. Essa individualidade é enfatizada pela sobreposição do tradutor sobre a imagem, o que evidencia o seu papel central na construção do significado e na leitura do texto-vídeo, essa estratégia visual reforça a centralidade do tradutor e valoriza a Libras como língua de instrução.

Considerações finais

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam a importância de compreender a tradução de obras literárias para a Libras não como um ato técnico, ou linguístico mas como um processo cultural e político fundamental para a consolidação de uma literatura digital voltada para as comunidades surdas. Em uma sociedade predominantemente organizada a partir da modalidade vocal-auditiva, o acesso ao universo literário muitas vezes é mediado por práticas que desconsideram a especificidade da experiência visual e gestual que estrutura a Libras e, consequentemente, o modo como pessoas surdas constroem significados e acessam o conhecimento e literaturas. A produção e tradução de textos para Libras, como vimos nos objetos analisados, representam um movimento de inclusão, de criação de espaço de legitimação para que a literatura seja experienciada em sua plenitude pelas comunidades surdas. Obras como “A Cartomante” em Libras (Nogueira, 2023) e os livros infantojuvenis traduzidos no canal Libros no *YouTube* demonstram como a transposição literária para o vídeo em Libras demanda escolhas tradutórias que vão além da simples transferência linguística. Trata-se de uma prática transcriativa e multimodal que envolve o corpo, a visualidade, a iconicidade dos sinais e uma reorganização dos elementos textuais e visuais para atender às especificidades da modalidade gestual-visual.

Esses materiais também demonstram o papel central do tradutor surdo como mediador cultural e linguístico, reposicionando a Libras como língua de instrução e leitura dentro da experiência literária. A presença do tradutor nos vídeos sinaliza uma ruptura com a visão hegemônica de literatura como exclusivamente textual e vocalizada, ao mesmo tempo em que evidencia como a estética do corpo e a gramática visual colaboram para a construção do sentido no contexto surdo. Assim, a tradução literária para Libras emerge como uma ferramenta imprescindível para assegurar o direito à leitura e à fruição estética de obras clássicas e contemporâneas, fortalecendo a identidade cultural surda e ampliando o repertório simbólico dessa comunidade.

As considerações com base nas análises com base na Gramática do Design Visual (GDV) fornecem uma perspectiva teórica importante para compreensão da organização composicional de imagem e a articulação entre informação conhecida e nova. Ao examinar o valor de informação, a saliência e a estrutura da composição, a GDV permite identificar como a

ilustração do livro aberto, posicionada à esquerda, funciona como referência literária presumida pelo espectador, enquanto em Libras, localizada à direita, transforma essa informação em experiência comunicativa visual.

A hierarquia visual e o *framing* reforçam a complementaridade entre elementos conceituais e comunicativos, ilustrando como o conhecimento literário e sua mediação em Libras se organizam de maneira funcional. Assim, a análise demonstra que a GDV permite relacionar os elementos da imagem aos objetivos do artigo, evidenciando de que modo o design visual articula, de maneira estratégica, valores de informação, saliência e estrutura, orientando a atenção do espectador e tornando visível o processo comunicativo multimodal.

Além disso, o investimento em uma literatura digital acessível em Libras é um passo estratégico para garantir não apenas a acessibilidade, mas também o reconhecimento da Libras como uma língua plena de instrução e pesquisa acadêmica, indispensável para a formação crítica e cidadã de leitores surdos. Promover políticas linguísticas, educacionais e culturais que fomentem a produção e circulação de obras literárias em Libras significa não apenas democratizar o acesso, mas sobretudo afirmar o direito das pessoas surdas de se constituírem como sujeitos ativos no universo literário. É nesse espaço que se concretiza o potencial emancipatório de uma literatura visual e digital que, ao privilegiar a Libras, legitima novos modos de leitura e de construção do conhecimento, essenciais para uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. A cartomante. Contos de Machado de Assis; roteiro, desenhos e arte final Jo Fevereiro; cores Jo e Ciça Sperl. São Paulo: Escala Educacional, 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/673320048/A-cartomante-Machado-de-Assis-em-quadrinhos>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BARTHES, Roland. Aula. 12. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BEAUGRANDE, Robert A. New foundations for a science of text and discourse. Norwood: Ablex, 1997. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Os sentidos do texto. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: Decreto nº 5626. Acesso em: 14 jul. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL e dispõe sobre o seu funcionamento. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 10 dez. 2010. Disponível em: Decreto nº 7387. Acesso em: 14 jul. 2025.

BRENMAN, Ilan; KARSTEN, Guilherme (il.). Vó, para de fotografar!. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

CAMPELLO, Ana Regina S. Aspectos da visualidade na educação de surdos. 2008. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis-SouzaCampello-2008.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CARNEIRO, Teresa Dias; SALDANHA HESPANHOL VITAL, Dafny; PEREIRA LEAL DE SOUZA, Rodrigo. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, v. 9, n. 5, p. 135–166, 2020. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020.31990. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/31990>. Acesso em: 18 nov. 2025.

DESROSIERS, Claude; LAFLAMME (il.). *Les mégaventures de Maddox*. [S.l.]: Presses Aventure, 2018.

DOUZOU, Olivier. *Loup*. Paris: Éditions du Rouergue, 2000.

FERNANDES, Sueli. *Educação de surdos*. 2. ed. atual. Curitiba: IBPEX, 2011.

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. 2. ed. revisada. Nova York; Londres: Routledge, 2012.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. A. (Ed.). *On translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959, p. 232-239.

KARSTEN, Guilherme. *A caçada*. São Paulo: HarperKids (HarperCollins Brasil), 2020.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading Imagens: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LEMOS, G. de S. Formação de tradutores de textos escritos em português para textos-vídeos em Libras: das teorias pedagógicas e didáticas da tradução à concepção de um curso de extensão no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62985/62985.PDF>. Acesso em: 25 nov. 2025.

LEMOS, Glauber de Souza. Como ensinar-fazer a tradução de/em textos-vídeos-sinalizados em Libras? (UFRJ). In. Comunidades surdas práticas e propostas. (Org.) JUNIOR, Roberto de Freitas; GUERRETTA, Clarissa Luna Borges. Ed. Eloar Comunicação 2025, 2 ed., 2025, p. 38-57.

MARCUSCHI, Luís. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Os sentidos do texto. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 18.

MAYER, Richard E. Multimedia learning. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NOGUEIRA, Mariana Daleprani. A reinvenção do conto A cartomante, de Machado de Assis, em Libras, numa perspectiva transcultural. 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/12670>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PAIVA, Marcelo Rubens. O menino e o foguete. 1. ed. (edição digital Itaú – Leia para uma criança). São Paulo: Itaú, 2021.

PLAZA, Julio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ORIGINAIS KIDLY. Nós chamamos de casa. Kidly, 2021.

QUADROS, Ronice Muller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RIBEIRO, E. T. et al. Libras as a bridge for social and educational inclusion in indigenous schools: challenges and opportunities. *Ciências Humanas*, v. 27, n. 126, 2023. <https://doi.org/10.5281/zenodo.8363875>. Acesso em: 21 jun. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, jan./abr. 2018.

RODRIGUES, Cassiano Terra. Peirce, Charles Sanders. In: CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Alvaro de Azevedo; FREIRE, André Luiz (coords.). *Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Tomo: Teoria Geral e Filosofia do Direito*. 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Cleunice Fernandes da; OLIVEIRA, Tânia Pitombo de. Os sentidos do texto. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 7, n. 14, 2014. DOI: 10.30681/rln.v7i14.6963. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6963>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Silvio Profirio da. O texto visual, afinal, o que é? Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/22/o-texto-visual-afinal-o-que-eacu>. Publicado em: 17 jun. 2014.

NOTAS DE AUTORIA

Rafael Monteiro da Silva (rafael.monteiro@letras.ufrj.br): Doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC / PGET (Sob orientação da Prof. Marcia Monteiro Carvalho); Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES / PPGE (Sob orientação da Prof. Flavia Medeiros Álvaro Machado); Mestre em Educação Bilingue na linha de pesquisa Educação de surdos e suas interfaces do programa de pós graduação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES (2022); Pós-graduado em Libras pelo Centro de Ensino Superior de Vitória - CESV (2017); Graduação em Pedagogia pela Faculdade de

Ciências de Wenceslau Bráz - FACIBRA (2015); Segunda Graduação em Letras Português/Inglês pelo Instituto Pedagógico Brasileiro - IPB/FAMART (2022); Atualmente professor Substituto no Letras/Libras - UFES, Tradutor e Intérprete de Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e professor no Centro de Ensino Superior MULTIVIX. Membro do Grupo de Pesquisas. Membro do grupo de pesquisa INTERTRADS - Núcleo de Pesquisas em Interpretação e Tradução de Línguas de sinais (PGET/UFSC). Membro do grupo Sistêmica, Ambientes e Linguagens/SAL da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (UFSM); Membro do Grupo de Pesquisas/Estudos Língua(gem) Cognição: escolhas tradutórias e interpretativas (LingCognit/PPGEL/PRPPG/UFES).

Márcia Monteiro Carvalho (marciacarvalho369@gmail.com): Pós-doutora em Linguística-Estudos da Tradução (UFMG). Doutora em Estudos da Tradução pela (PGET-UFSC). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

SILVA, Rafael Monteiro da; CARVALHO, Márcia Monteiro. Análises de traduções para LIBRAS como garantia de acesso à literatura digital a partir da metafunção composicional. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 61-98, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 2 out. 2025

Aprovado em: 26 nov. 2025.